VESTUÁRIO, MEMÓRIA E OPRESSÃO: DESCONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA OBRA DE PRIMO LEVI

CLOTHING, MEMORY AND OPPRESSION: THE DECONSTRUCTION OF IDENTITY BASED ON THE WORKS OF PRIMO LEVI

Laiana Pereira da Silveira (UFPEL[1])
laianasilveira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8506-5230

Frantieska Huszar Schneid (IFSUL[2])
frantieskahs@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9351-0776

RESUMO: *Este estudo tem como objetivo abordar a relação entre vestuário e identidade nas obras do escritor italiano Primo Levi, com base em sua experiência como prisioneiro do regime nazista em um campo de concentração. Por meio de uma abordagem qualitativa, a revisão e a análise seguem os conceitos de memória coletiva e identidade. Observamos, por meio de trechos selecionados dos livros, como o vestuário foi utilizado como ferramenta de opressão vivenciados naquele ambiente hostil, destacando, por fim, as formas de apagamento da identidade dos sujeitos relacionadas às roupas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Primo Levi; campos de concentração; memória coletiva.*

ABSTRACT: *This study aims to examine the relationship between clothing and identity in the works of Italian writer Primo Levi, based on his experience as a prisoner of the Nazi regime in a concentration camp. Using a qualitative approach, the review and analysis draw on the concepts of collective memory and identity. Through selected excerpts from his books, we observe how clothing was used as a tool of oppression within the concentration camps—from the victims' arrival to their daily experiences in that hostile environment—and ultimately highlight the ways in which the subjects' identities were erased through their clothing.*

---

[1] Doutoranda e Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Design de Moda, pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas Visconde da Graça.

[2] Professora nos cursos de Tecnologia em Design de Moda e Técnico em Vestuário, do Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas Visconde da Graça. Doutora e Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Moda e Estilo, pela Universidade de Caxias do Sul.

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

KEYWORDS: *Primo Levi; concentration camps; collective memory.*

1 Introdução

Primo Levi foi um químico e escritor italiano, sobrevivente dos campos de concentração do regime nazista, que compartilhou com o mundo sua experiência de sobrevivência por meio de diversas obras, entre elas, as que serão analisadas neste estudo. Ao lermos algumas das principais obras do autor, nossa atenção se voltou para o espaço dedicado ao vestuário nos relatos de Levi. A partir da leitura, destacamos o papel do vestuário como ferramenta utilizada pelo regime nazista, como forma de opressão e desconstrução identitária dos prisioneiros, desde a chegada ao campo, marcada por episódios traumáticos de higienização, dando início ao processo de apagamento identitário de cada sujeito ali aprisionado.

Nesse sentido, a pergunta que norteia este estudo[3] é: *qual foi o papel do vestuário nos campos de concentração, identificado a partir das obras literárias de Primo Levi?* Portanto, nosso objetivo neste estudo é, a partir da leitura das obras do autor e da identificação dos trechos nos quais há menção do vestuário, analisar e discutir como o regime nazista se apropriou da vida desses prisioneiros. Ao tirar tudo o que eles tinham, incluindo roupas e acessórios, os tornaram visualmente semelhantes por meio do padrão de higienização adotado na chegada aos campos de concentração.

Sabemos que não é um estudo que trata de moda, mas é inegável a relação aqui apresentada com a estética da opressão, na qual o vestuário tem destaque não somente visual, mas pelo apelo memorial e identitário. Conforme proposto pelo dossiê, buscamos compreender, a partir da literatura e dos memoriais, como o vestuário é esse meio de representação, documentação, sensibilização refletido no comportamento de um grupo específico no período da *Shoah*[4] e da sociedade após o regime nazista.

---

[3] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[4] De acordo com o World Jewish Congress "'Holocausto' é o termo inglês e 'Shoah' o termo hebraico usado para descrever o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Ambos os termos têm uma dimensão teológica ou cósmica. 'Holocausto' é derivado do grego para oferta queimada e é geralmente definido como uma vasta destruição causada por fogo ou outras forças não humanas. 'Shoah', entretanto, tem sua raiz bíblica no termo '*shoah u-meshoah*' (devastação e desolação) que aparece tanto no Livro de Sofonias (1:15) quanto no Livro de Jó (30:3)". Disponível em: https://aboutholocaust.org/pt/facts/qual-e-a-diferenca-entre-holocausto-e-shoah Acesso em: 5 ago. 2026.

Para isso, a pesquisa foi construída a partir do paradigma qualitativo[5] (Barrera, 2000). Abordamos a literatura a partir da revisão bibliográfica referente às obras do autor, e adotamos a análise de conteúdo (Bardin, 2004). Dessa forma, selecionamos as seguintes obras: *É isto um homem?* (1988), originalmente publicado em 1947; *A trégua* (2010), originalmente publicado em 1963; *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*[6] (2015), coletânea cujo relatório inicial foi publicado em 1946; e *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas* (2020), originalmente publicado em 1986.

Como recurso metodológico complementar, utilizamos também a observação de campo de caráter empírico nos seguintes memoriais e museus: (1) *Memoriale della Shoah Milano*, na cidade de Milão, Itália; (2) Memorial às Vítimas da Ocupação Alemã, na cidade de Budapeste, Hungria; e (3) Museu do Holocausto, na cidade de Curitiba, Brasil. Esses memoriais e museus, visitados no ano de 2025, possibilitaram apreender a dimensão física e simbólica de cada local, observando como a arquitetura e o cenário urbano auxiliam no dever de memória (Candau, 2019). Também foi utilizado um relato compartilhado pelo Museu da Pessoa.

Para complementar a análise, pelo viés dos estudos da memória, foram utilizados estudos de *A memória coletiva* (1990[7]), obra póstuma de Maurice Halbwachs, teórico fundamental para os estudos e compreensão da memória social, vítima do regime nazista, falecido em um dos campos de concentração, *Buchenwald*. Também foi utilizada neste estudo a obra de Joel Candau, *Memória e identidade* (2019), o estudo *Memória, esquecimento, silêncio* (1989), de Michael Pollak, *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), de Aleida Assmann e *O casaco de Marx: roupa, memória, dor* (2016), de Peter Stallybrass. Esses autores trazem em seus trabalhos análises a partir de casos ocorridos nos campos de concentração.

Para dar continuidade ao estudo, é importante contextualizar o entendimento de memória coletiva aqui adotado, que surge a partir da memória individual. Halbwachs descreve o processo de formação da memória coletiva como algo que surge a partir do ponto de vista da memória individual, sendo que "este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios" (1990, p. 51). Por isso, cada indivíduo lembra de um mesmo acontecimento de uma forma única, porque

[5] Definido por Barrera como "O paradigma qualitativo postula uma concepção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva, orientada ao processo e própria da antropologia social" (2000, p. 5).
[6] Este em coautoria com Leonardo De Benedetti, médico italiano sobrevivente de *Auschwitz*.
[7] A obra original é datada de 1950.

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

a relação dele com o meio, o repertório de vida, as referências que essa pessoa tem e que a formaram enquanto sujeito social, são completamente únicas.

Inseparável da memória, está a identidade. As duas "[...] se nutrem mutuamente, se narrativa" (Candau, 2019, p. 16). O autor afirma também que tanto a memória individual quanto a memória coletiva consolidam a identidade, "a memória é a identidade em ação" (Candau, 2019, p. 18). Essa associação e função de complementaridade da memória e identidade é fundamental para o entendimento deste estudo, desde a chegada dos prisioneiros no processo de higienização, no qual é feita a retirada de todos os pertences de quem desembarca dos trens, das malas até as roupas e ao cabelo; não sobra nada.

Assim sendo, na próxima seção, dividida em dois tópicos de abordagem, apresentamos os trechos das obras que nos chamaram atenção pelo destaque que o vestuário recebeu na narrativa das memórias compartilhadas por Primo Levi. A partir dessa seleção, da empiria e do referencial teórico proposto para pensar a relação da memória e da identidade no contexto de análise, introduzimos as duas categorias criadas por meio da semelhança temática identificada nos trechos: (1) desconstrução identitária e (2) classificação e opressão.

2 Até o número dos botões importava, mas os calçados, estes sim decretavam a morte

A obra de Primo Levi, assim como a de tantos outros autores e autoras que sobreviveram a esse período traumático da história, escancara os horrores vivenciados nos campos de concentração do regime nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Os sobreviventes que encontraram escuta, ao contarem suas narrativas para o mundo, precisavam lidar com aqueles traumas a cada vez que recordavam, pois "[...] a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor" (Levi, 2020, p. 18). Ainda assim, Levi optou por compartilhar com todo o mundo através de suas obras, detalhadamente, os horrores vividos.

O autor relata que "é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja construído pelas memórias dos sobreviventes" (Levi, 2020, p. 11), o que reforça o dever de memória (Candau, 2019). Entretanto, é necessário também respeitar os silêncios, pois, sobre os sobreviventes desses campos, Pollak (1989, p. 3) relata que "seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação". Não querer contar e buscar um modo de viver após todos os episódios traumáticos vividos é um ato de coragem e resistência.

Um caso recentemente visitado no qual se pôde perceber a importância das narrativas dos sobreviventes é o *Memoriale della Shoah Milano* (Figura 1). Visitado em 2025, observamos como a fundação traz para o percurso do visitante as narrativas dos sobreviventes, em um lugar que simboliza a deportação de judeus e outros povos perseguidos para campos de concentração. O espaço que hoje é um lugar de memória faz parte de um pátio ferroviário subterrâneo, que no período de 1943 a 1945, era utilizado para o transporte de prisioneiros aos campos.

Figura 1 - Registros internos do *Memoriale della Shoah Milano*



Fonte: acervo das autoras, 2025.

No interior do memorial visualizamos uma coroa de flores em homenagem aos deportados dentro de um dos vagões originais que fizeram o transporte com destino a *Auschwitz-Birkenau*, assim como as placas com as datas de saída dos trens e os destinos, e a lista dos nomes dos deportados. Ao todo, o memorial registra 774 pessoas, e 27 delas, que possuem os nomes destacados nas listas, sobreviveram aos campos de concentração. Há também diversos espaços com as gravações dos depoimentos de diferentes sobreviventes, que destacam a importância da narrativa de quem vivenciou aquele momento.

Retomando os relatos de Levi, o autor detalhou o processo enquanto prisioneiro desde a chegada ao campo de concentração: iniciando pelo processo de higienização; os momentos de encontro com outros italianos; quando passou de um prisioneiro comum para um assistente de laboratório, pois ele era químico e isso era um diferencial; também relatou o final daquela opressão, quando todos foram embora e abandonaram os enfermos ali. Ele conta do retorno para o mundo que ele conhecia e do processo dos depoimentos sobre tudo o que era feito no campo de concentração em que esteve.

Dentro do processo de leitura das obras, foi possível identificar que o vestuário apresentava recorrências ao longo da narrativa, posteriormente agrupadas em duas categorias:

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

a primeira voltada à forma como o regime se apoderou dessas pessoas ao descaracterizá-las, e desconstruir suas identidades; e na segunda categoria como essas pessoas eram reclassificadas, reagrupadas conforme os critérios do regime nazista. Nessa nova ordem, eram identificadas por grupos, nos quais alguns sofriam mais opressões do que outros, assim como certos grupos eram privilegiados, inclusive com relação ao vestuário.

Sob essa perspectiva, dividimos este estudo nessas duas categorias: (1) desconstrução identitária e (2) classificação e opressão.

2. 1 A desconstrução identitária a partir do vestuário

Ao descrever a aparência dos prisioneiros em uma de suas obras, o autor evidencia a confusão mental provocada pelo impacto visual do campo de concentração. Ele relata:

> Emergiam, em compensação, na luz dos holofotes, dois grupos de sujeitos estranhos. Caminhavam em linha de três, com um andar esquisito, atrapalhado, a cabeça baixa, os braços rígidos. Um boné ridículo, uma longa túnica listrada que, apesar da escuridão e da distância, adivinhava-se esfarrapada e imunda (Levi, 1988, p. 23).

Enquanto seguia as ordens e se despia, organizando seus pertences, mal sabia ele que o deixariam sem nada, e que em breve estaria fazendo parte do grupo de homens estranhos, vestindo uniforme listrado e esfarrapado. Neste momento, o autor notou que seus calçados estavam junto a uma pilha com todos os demais calçados. E um novo grupo de homens listrados se apresentou para então fazer a tosquia, tirando todos os pelos desse novo grupo de ingressantes no campo de concentração.

Iniciado o rito de desconstrução, logo receberam roupas para finalmente se vestirem, mas não eram suas roupas, nem seus sapatos, não sabiam a procedência de tais peças, mas notaram o estado deplorável. Conforme aponta Stallybrass (2016, p. 14) em seus estudos sobre a relação do corpo, da memória e da roupa, "os corpos vão e vêm: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem". Ali, Levi começou a entender o processo de desconstrução de si enquanto sujeito pertencente a uma sociedade e relatou: "não há espelho, mas a nossa imagem está aí a nossa frente, refletida em cem rostos pálidos em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite" (Levi, 1988, p. 32). Passada a leitura referente ao relato do processo de higienização, achamos coerente chamá-lo de *desconstrução identitária*, pois naquele momento ele percebeu que era mais um igual aos demais daquele espaço.

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

Esse momento da chegada é marcado não somente por uma limpeza física, como também pelo processo de despir os prisioneiros, executado como uma forma de apagamento. Ou seja, do muro do campo de concentração para dentro, eles não eram nada além de um número que os diferenciava dos demais. Não havia nada que os vinculava ao mundo exterior, nenhuma lembrança material. Esse processo de apagamento ocorre como uma forma de anulação, pois sem os pertences, muitas informações poderiam ser esquecidas e, "sem lembranças, o sujeito é aniquilado" (Candau, 2019, p. 17).

Conforme Levi compreendeu o novo sistema no qual estava inserido, junto a milhares de outras pessoas desconhecidas, ele percebeu como o processo de opressão funcionava naquele ambiente, e descreveu:

> *Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos*; se falarmos, não nos escutarão - e, se nos escutarem, não nos compreenderão. *Roubarão também o nosso nome*, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (Levi, 1988, p. 32, grifo das autoras).

Tirar tudo dessas pessoas era mais uma das inúmeras estratégias de fragilizá-las, violentá-las. Além das roupas, dos sapatos, dos relógios, dos cabelos, das barbas, de tudo que estava no corpo deles, também houve o roubo dos poucos pertences que carregavam. Candau (2019) pontuou sobre o momento da chegada de Levi ao campo de concentração e sobre as pequenas coisas que cada um carregava e das quais precisava se desfazer. Documentos, fotos, qualquer lembrança familiar, objeto da vida cotidiana, uma aliança que lembrava o compromisso com outra pessoa, tudo isso ficou para trás. O autor afirma que "o sequestro de objetos que evocam a vida exterior é, ao mesmo tempo, um sequestro da identidade" (Candau, 2019, p. 160). Segundo Levi (1988, p. 33), "essas coisas fazem parte de nós, são como os órgãos de nosso corpo [...] reavivam as nossas lembranças". Sem elas e sem a perspectiva de sair daquele ambiente hostil, os referenciais de história de vida acabavam se perdendo com o passar do tempo em um espaço tão traumático.

A partir do ponto de vista de Assmann (2011) e Adverse (2020), observamos a análise realizada sobre as obras do artista francês Christian Boltanski e a importância atribuída aos objetos. Neste caso, referente a instalação *Personnes*, realizada no Grand Palais, Paris, no ano de 2010, a instalação do artista teve como centro as roupas como testemunho dos que estavam ausentes. Visualmente impactante, a montanha de roupas remete ao amontoado de sapatos relatado por Levi (1988) ao chegar no campo de concentração, quando um homem chega e varre todos os sapatos, misturando todos. Na obra, havia também ao redor da montanha de roupas várias quadrículas com roupas jogadas. O artista preocupou-se com a experiência do visitante,

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

deixando o ambiente sem aquecimento, para que pudesse sentir o desconforto do frio. Adverse define que "a instalação revela o agenciamento político das roupas pelo artista ao se tornarem em si mesmas um documento como memória da barbárie" (2020, p. 61).

Assmann (2011, p. 402) destaca em seus estudos sobre as obras do artista, que "um tema central para Boltanski é a perda", a perda dos objetos e a perda das lembranças. Também reforça a característica difícil apresentada nas obras, como *A Casa Ausente*, que busca resgatar a memória dos moradores judeus daqueles espaços edificados: "é descompensadamente mais difícil armazenar lacunas, espaços vazios e ausências do que armazenar a experiência de uma presença" (Assmann, 2011, p. 403), mas nesses desafios, moram os deveres de memória. Através desses trabalhos, artistas ajudam na luta contra o esquecimento dessas pessoas.

Retomando os relatos do autor, nas primeiras semanas do grupo de italianos que chegaram juntos ao campo de concentração, eles tentavam se encontrar para conseguir manter algum vínculo. Conforme o tempo passava, os encontros se tornavam cada vez mais deprimentes, pois o número de pessoas diminuía. A fisionomia dos prisioneiros só piorava com o passar dos dias, e lembrar do passado, do mundo lá fora, não era mais reconfortante, era uma forma de sofrimento coletivo. Com isso, até mesmo esses encontros pararam de acontecer. Eles não tinham mais nada, nem ninguém naquele local, até mesmo suas próprias memórias acabavam por traí-los, com a sensação distante de que um dia a vida foi boa de ser vivida.

> Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento - pois *quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo* (Levi, 1988, p. 33, grifo das autoras).

Nesse sentido, optar por não lembrar, por não se ancorar na memória de seus semelhantes, acaba fortalecendo a perda identitária. A partir dos estudos de Halbwachs sobre a memória coletiva, Assmann (2011, p. 144) descreve que "se o grupo se dissolve, os indivíduos perdem em sua memória a parte de lembranças que fazia assegurarem-se e identificarem-se como grupo". Nesse caso, apoiar-se nas lembranças um do outro estava se tornando um processo dolorido.

Continuando com os processos implementados no campo, o número atribuído a cada prisioneiro era marcado na pele, além de estar presente no casaco listrado e nas calças, "novos hábitos aos 'sem nome', só 'mostrando o número' recebem-se o pão e a sopa" (Levi, 1988, p. 34).

Na segunda seção, dedicada à segunda categoria identificada como "classificação e opressão", nos dedicamos a explicar as diferentes formas de classificação observadas nos livros

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

e em fontes visuais. Também analisamos como o vestuário no inverno rigoroso daquela região foi uma peça importante para os que tinham o privilégio de se proteger, enquanto os outros ficavam cada vez mais frágeis.

2. 2 Uma nova classificação pelo vestir e o exercício da opressão

Neste segundo momento discorremos sobre as novas formas de organização e identificação no campo de concentração, onde o vestuário era utilizado tanto para classificar os grupos quanto como ferramenta de opressão. Olhando superficialmente, pareciam todos iguais, vestidos da mesma maneira com as roupas listradas, mas havia detalhes que os distinguiam uns dos outros, e, por isso, alguns pareciam mais saudáveis, outros executavam funções mais leves, e assim seguia a ordem do privilégio ou do castigo.

A classificação pelos uniformes vinha através de uma identificação. Levi (1988, p. 42, grifo das autoras) conta que "todos vestem roupa listrada, todos são *Häftlinge*[8], mas os criminosos levam, ao lado do número, costurado no casaco, um *triângulo verde*; os políticos, um *triângulo vermelho*; os judeus, que formam a grande maioria, levam a *Estrela de David, vermelha e amarela*".

A figura 2 mostra algumas das roupas utilizadas nos campos de concentração. Podemos visualizar a identificação no casaco listrado, onde consta o número do prisioneiro, bem como a estrela de Davi (ainda que desbotada, consegue-se ver as cores vermelha e amarela).

Figura 2 - Registro das roupas utilizadas nos campos de concentração



Fonte: Auschwitz Memorial and Museum[9], 2026.

[8] Prisioneiros.
[9] Disponível: https://www.instagram.com/auschwitzmemorial/

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

Já na Figura 3, podemos observar o fragmento de um tecido amarelo com a marca da estrela de Davi. O fragmento pertenceu ao médico belga Samuel Rozenberg. Em seu depoimento, compartilhado no site do Museu da Pessoa, ele conta que sua única irmã foi deportada para Auschwitz. No relato, Samuel também conta que não chegou a ser deportado para os campos de concentração, pois conseguiu se esconder com sua família. Entretanto, compartilha suas lembranças sobre o início das tensões, a proibição de frequentar as escolas e a obrigação dos judeus de utilizar a estrela amarela na roupa.

Essa identificação, inicialmente, era usada apenas para controle de horário dos judeus andarem na rua e de acesso a determinados espaços que foram proibidos. Posteriormente, "[...] os alemães começaram a caçar os judeus com cães. E não era difícil, pois a estrela amarela [pregada na roupa] os identificava facilmente" (Rozenberg, 1988, [s.p]). Esse pequeno fragmento que visualizamos na Figura 3, pregado na roupa dessas pessoas, era capaz de classificá-las e definir o destino da vida delas.

Figura 3 - Estrela de Davi em tecido amarelo, no Museu do Holocausto (Curitiba, Paraná)



Fonte: acervo das autoras, 2025.

Conforme os relatos foram compartilhados e todos conscientizados dos horrores que aconteciam nos campos de concentração, diferentes lugares que tiveram parte da população

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

deportada para os campos tiveram a iniciativa de criar espaços em homenagem à memória das vítimas, as que sobreviveram e as que não sobreviveram ao genocídio. Diferente do *Memoriale della Shoah Milano*, em Budapeste (Hungria), o Memorial às Vítimas da Ocupação Alemã (Figura 4), que fica na Praça da Liberdade, foi construído para lembrar a ocupação alemã na Hungria em 1944.

Figura 4 - Memorial às vítimas do regime nazista



Fonte: acervo das autoras, 2025.

Neste caso, há uma hibridez no memorial, em que próximo aos monumentos colocados pelo governo, há também a presença de diversos objetos, fotos e homenagens às vítimas, colocados pela população, o que acaba por mesclar a história da memória oficial a partir da narrativa que o governo quer contar através do memorial, com as memórias subterrâneas e os silenciamentos (Pollak, 1989). Entre os objetos presentes no Memorial, há alguns tricôs listrados, que lembram os uniformes usados pelos prisioneiros, e em cada tricô há uma identificação diferente, desde triângulos brancos e azuis, como também a estrela de Davi, amarela, referente às vítimas judias. Aos turistas que passam por essa região da capital húngara, não é necessário saber ler o que está escrito nas homenagens para identificar visualmente do que se trata. Os uniformes listrados se tornaram uma referência às vítimas do regime nazista, e são carregados de significados e de memórias.

Ao retomar as memórias traumáticas compartilhadas por Levi, chegamos em outubro de 1944. O que era temido pelos prisioneiros chegou: o frio rigoroso. Isso significava "[...] labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cueca, casacos e calça de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega" (Levi, 1988, p. 182). Todas as condições do campo de concentração eram insalubres, desde a alimentação (ou falta dela) ao mobiliário precário, as condições de higiene, os cuidados com a saúde (quase

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

inexistentes para o número de prisioneiros ali detidos). Além de todas as condições precárias e de todo o trabalho braçal exaustivo, as ferramentas e o vestuário eram inadequados para o frio intenso e a neve da região.

O vestuário que tem como uma de suas finalidades a proteção e faz parte do equipamento de proteção individual em diversas profissões, naquele contexto, funcionava como uma ferramenta de aniquilação.

> Durante o inverno, o uniforme dos prisioneiros de Monowitz[10] era composto de um casaco, um par de calças, um boné e um sobretudo de pano listrado; uma camisa, um par de cuecas de algodão, um par de meias; um pullover; um par de botas com sola de madeira. Muitas meias e cuecas tinham sido visivelmente feitas a partir de algum "taligot" - o manto sagrado com que os judeus costumam se cobrir durante as orações -, encontrados nas malas de alguns deportados e utilizados para aquela finalidade em sinal de desprezo (Levi, 2015, p. 15).

Além das condições precárias para se vestir, os prisioneiros precisavam lidar com a humilhação que era reforçada de diferentes formas, inclusive no simples ato de usar uma roupa íntima. Assmann (2011) descreve que:

> Essa eficiência aparentemente tão racional e objetiva estava permeada de estratégias simbólicas fanáticas, sobretudo. O reprocessamento material era feito com objetivos profanadores, como quando, por exemplo, rolos da Torá eram transformados em carteiras, envelopes de despacho e roupas, quando não em palmilhas, caso em que a escritura sagrada, que segundo a lei cerimonial judaica, não poderia tocar o solo, era literalmente pisada por pés (Assmann, 2011, p. 406).

Por sua vez, a autora classifica o extermínio de duas formas: *psíquico e simbólico*. A intolerância religiosa aplicada ao reaproveitamento do manto sagrado judeu foi de extrema violência para os necessitados, que não tinham a opção de recusar ou trocar tal peça, pois qualquer recusa naquele ambiente hostil poderia ser motivo de punições severas. Entretanto, enquanto eles eram humilhados constantemente no trabalho diário durante aquele período de frio rigoroso, "os alemães e os poloneses vão ao trabalho com botas de borracha, tapa-orelhas de pelo e macacões forrados; os prisioneiros ingleses, com seus maravilhosos casacos de pele. Em nosso Campo, só foram distribuídos alguns capotes a poucos privilegiados" (Levi, 1988, p. 199). E o problema só se agravou no inverno de 1944 e 1945,

> No mês de abril, quando o frio, mesmo que mais brando, ainda não desaparecera, as roupas de pano grosso e pulôveres eram retirados e as calças e casacos, substituídos por peças análogas de algodão, também listrado. E apenas por volta do fim de outubro voltavam a distribuir as roupas de inverno. Isso, porém, *não ocorreu mais no outono de 1944*, porque as roupas e casacos de pano grosso haviam chegado ao limite extremo de uso, de modo que *os prisioneiros tiveram de enfrentar o inverno de 1944-5 usando algodão, como nos meses de verão*; somente uma pequena minoria recebeu algum

[10] Também conhecido como Auschwitz III ou Buna.

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

> leve impermeável de gabardina ou um pulôver (Levi, 2015, p. 15-16, grifo das autoras).

A situação, já precária, tornava-se continuamente mais difícil, e isso era uma preocupação constante de todos os prisioneiros, pelo instinto de sobrevivência. Mas além dos uniformes, que tiveram papel fundamental nos campos de concentração, outro elemento merece atenção, o calçado! Pontuando logo acima, e no início da obra *É isto um homem?*: "uma das violências específicas de Auschwitz era o confisco e o embaralhamento dos calçados dos prisioneiros" (Stallybrass, 2016, p. 104). Sem seus próprios sapatos, e com novos pares que nem sempre eram os mais confortáveis (devido às numerações que poderiam vir erradas) esse era outro ponto de atenção para os prisioneiros. Durante o período enquanto prisioneiro, Levi (1988) destacou diferentes rituais obrigatórios,

> [...] aos domingos, submeter-se ao controle geral da sarna e ao dos botões do casaco, que devem ser cinco [...] se a gente perde um botão, deve aprender a costurá-lo com arame [...] Se um sapato aperta, a gente deve apresentar-se, à noite, à cerimônia da troca de sapatos; ali põe-se à prova a perícia do sujeito. No meio da multidão apinhada, deve-se conseguir escolher, só por um olhar, um sapato (não um par: um sapato só) que sirva para o nosso pé, já que, uma vez feita a escolha, não é permitida nova troca. E não é de crer que os sapatos signifiquem pouco, na vida do campo. *A morte começa pelos sapatos.* Eles se revelaram, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após umas horas de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas a infecção na certa" (1988, p. 44-45, grifo das autoras).

Não ousamos dizer que a descrição do autor sobre o papel dos sapatos é exagerada. Se ele explica que a morte começa pelos sapatos, não há o que questionar de um lugar tão insalubre. Levi (1988) explica que os pés machucados, inchados, doloridos do atrito direto com a madeira se tornam um problema para os prisioneiros, pois os prisioneiros estão ali para trabalhar utilizando esforço físico. Logo, os pés precisam da mínima boa condição para manter a locomoção aceitável. E se a situação piorasse, devido aos machucados nos pés e o destino fosse o hospital, o cenário não era positivo, porque quando o diagnóstico de pés inchados era dado, sabia-se que não se tinha mais serventia, pois para isso não havia cura. Prisioneiros "incapazes de caminhar e, portanto, de trabalhar, são imediatamente dispensáveis" (Stallybrass, 2016, p. 93). Por isso, a pressão era intensa pela escolha de um único sapato na tal cerimônia de troca dos sapatos, não havia margem para erro.

Assim como a roupa, o calçado também deveria ser um objeto de proteção e conforto, mas isso não lhes era oferecido. As experiências dentro do campo de concentração seguiram vivas na memória de Primo Levi, que descreve sua preocupação com o que ele iria usar na caminhada de volta para a casa. Com o fim do regime nazista se aproximando, a preocupação dos oficiais era a destruição das provas do que acontecia nos campos de concentração. O pensamento era de que sem provas, o mundo não acreditaria nas barbáries cometidas por eles

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

naquele lugar. Os prisioneiros que estavam em condição de caminhar, foram obrigados a evacuar os campos de concentração e iniciar o que ficou conhecido como *a marcha da morte*, onde enfrentaram temperaturas de frio extremo, fome e violência. Muitos não sobreviveram.

Entretanto, não foi o caso de Primo Levi, que neste momento da evacuação encontrava-se acamado no hospital do campo. Os doentes foram deixados para morrer lá mesmo, mas ele sobreviveu, a doença o salvou da marcha da morte. O autor descreve:

> Eu tinha febre de quarenta graus, e não entendia se era dia ou noite; mas de uma coisa eu estava certo: carecia de sapatos e de outras coisas; então me pus de pé e fui até o depósito para examinar a situação. E havia um russo com metralhadora na porta: mas eu queria os sapatos, e rodei por trás, arrombei uma janela e entrei. Assim tive os sapatos, e também a mochila e tudo que está na mochila se tornará útil mais adiante (Levi, 2010, p. 39).

Ainda enfermo, Levi conseguiu sapatos para sair daquele lugar em ruínas. O autor relata ter partido com o colega chamado Grego: "[...] eu, dentro de meus sapatos arruinados, em virtude dos quais cada um de meus passos tornava-se problemático" (Levi, 2010, p. 44). Isso gerava preocupação para ambos durante a caminhada, pois não tinham noção do trajeto, da localização em que se encontravam nem da distância até um local seguro a que pudessem chegar. Dessa forma,

> A conversa voltou aos meus sapatos, que nenhum de nós dois, por razões diversas, podia esquecer. Explicou-me que ficar sem sapatos é um erro muito grave. Nos tempos de guerra é preciso pensar basicamente em duas coisas: em primeiro lugar nos sapatos, em segundo, na comida; *e não vice-versa*, como acreditava o vulgo: *porque quem tem sapatos pode ir em busca de comida enquanto o inverso não funciona* (Levi, 2010, p. 48, grifo das autoras).

Mesmo após não estarem mais sobre as ordens diárias do regime nazista, dentro do campo de concentração, os aprendizados dos dois sobreviventes seguiram como exemplo e preocupação constante: "sapatos que sirvam, como mostra Levi, podem ser a precondição do caminhar, a precondição da sobrevivência" (Stallybrass, 2016, p. 94). No centro dessa preocupação constante estavam os sapatos. Ainda que já não houvesse a cerimônia da troca e Levi tivesse conseguido invadir o local e pegar um par, o estado de qualquer calçado daquele amontoado não era o ideal para enfrentar uma longa caminhada sob frio extremo, sobretudo no estado físico do autor, internado até aquele momento.

Nesse sentido, finalizamos esta seção destacando a relação com o que foi pontuado por Assmann (2011) sobre o *extermínio psíquico*, voltado aos traumas psicológicos e às memórias traumáticas, geradas recentemente, de constantes episódios de violência. Estes foram os últimos registros identificados nos livros, referentes ao vestuário ou aos calçados. Nesse ponto da pesquisa, tivemos vários exemplos de como os oficiais do regime nazista se apropriaram de estratégias para desmobilizar todos os prisioneiros, além da desconstrução identitária

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

apresentada inicialmente, com as novas formas de ordem impostas através das classificações estipuladas pelo regime, como formas de hierarquia dentro dos campos, e as formas de opressão e hostilização.

3 Considerações finais

Retornando ao questionamento que norteia este estudo, de pensar ao longo das reflexões apresentadas acima, dos exemplos não somente descritos por Primo Levi, mas também dos espaços de memória e do relato de outras pessoas que sofreram durante esse período, identificamos a partir do levantamento e cruzamento de dados, diferentes relações e pontos de conexão que se apresentaram a partir do vestuário enquanto figura central. Por isso, ao elencarmos as duas categorias: (1) desconstrução identitária e (2) classificação e opressão, e analisar sob a ótica dos teóricos que estudaram o campo da memória a partir da *Shoah*, trouxemos na construção do presente texto a costura desses aspectos.

Destacamos também que, apesar de apontarmos duas categorias e dividirmos a análise em duas seções, foi um tanto difícil separar essas categorias, pois, olhando por uma perspectiva mais ampla, as duas também convergem, e alguns trechos que estão presentes na desconstrução identitária, poderiam estar na classificação e opressão, e vice-versa. Foi um trabalho que necessitou de uma leitura atenta e bastante rigor metodológico e de análise para viabilizar a distinção.

Ao considerar essa temática, notamos que ainda há uma certa escassez de estudos que se dediquem a analisar a importância do vestuário na história da *Shoah*. Sendo este, um acontecimento histórico marcado por muitos pesquisadores que se dedicam a estudar as memórias traumáticas, a história oral e os lugares de memória. Acreditamos que olhar para os artefatos culturais que estiveram presentes na vida dos prisioneiros seja uma lacuna a ser preenchida entre os estudos da área das ciências humanas.

É importante pontuar também o que acontecia fora dos campos de concentração. O mundo vivia o racionamento, a escassez e o controle no consumo de diferentes insumos, entre eles, o vestuário. A recessão e a falta de matéria-prima fizeram com que diferentes países adotassem medidas extremas no fornecimento de mantimentos para a população (Braga, 2004; Fiell; Dirix, 2014). Em 1941, o Cartão do Vestuário foi implementado na França (Pollini, 2007). Nesse mesmo ano, foi implementado na Grã-Bretanha "o sistema de racionamento de roupas [...] eram distribuídos 66 cupons por ano por pessoa, mas esse número diminuiu à medida que a guerra continuava" (Blackman, 2011, p. 168). Em 1942, houve a implementação de um

DOI: 10.22456/2238-8915.157090

manual de produção, o qual regulamentava e restringia o uso de alguns aviamentos como botões, e limitava o uso de bolsos e o tamanho das bainhas, costuras e número de pregas nas roupas (Mackenzie, 2010).

Reforçamos aqui que os aspectos externos aos campos de concentração não são comparáveis à experiência dos prisioneiros dos campos de concentração, mas foram introduzidos aqui por formarem um fator importante de reflexão, como panorama histórico em diferentes lugares e neste mesmo momento.

Por fim, ao pensarmos na ambientação histórica do período aqui estudado e em como o vestuário se apresenta tanto em obras literárias quanto na ficção, gostaríamos de destacar três obras que neste momento não puderam ser abordadas neste estudo, mas são fundamentais para pensar o papel do vestuário durante o período da Segunda Guerra Mundial. A primeira é o livro *As costureiras de Auschwitz*. A obra conta a história de mulheres que costuravam para evitar as câmaras de gás, e muitas dessas costuras e ajustes eram feitos para as esposas dos oficiais. A segunda, o filme *Zona de Interesse,* que aborda o ambiente familiar de uma das famílias dos oficiais, que vivia ao lado de um dos campos de concentração, e mostra os encontros das esposas, que falam sobre as roupas que vinham dos prisioneiros e dos ajustes que precisavam realizar. Por fim, a terceira obra é a série *The New Look*, que retrata a ascensão do estilista francês Christian Dior, e expõe como os profissionais da área do vestuário vivenciaram o período da guerra em Paris, mas destaca também a apreensão de Dior na espera de sua irmã que fazia parte da resistência francesa e foi deportada para o campo de concentração de *Ravensbrück*.

REFERÊNCIAS

ADVERSE, Angélica. Roupas como corpos: o agenciamento político do vestuário por Christian Boltanski [Testemunho e Documento dos Corpos Ausentes]. *Arte e Ensaios*, v. 26, n. 39, p. 55-65, 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/0000-0002-8938-8819. Acesso em: 28 jul. 2026.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRERA, Jacqueline Hurtado de. *Metodologia de la investigación holística*. Caracas: Fundación Sypal, 2000.

BLACKMAN, Cady. *100 anos de moda*. São Paulo: Publifolha, 2011.

BRAGA, João. *História da moda*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

FIELL, Charlotte; DIRIX, Emmanuelle. *A moda da década*: 1940. Tradução: Laura Schichvarger. São Paulo: Publifolha, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*: os delitos, os castigos, as penas. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

LEVI, Primo; DE BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz*: testemunhos 1945-1986. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACKENZIE, Mairi. *Ismos*: para entender a moda. Tradução: Christiano Sensi. São Paulo: Editora Globo, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278. Acesso em: 26 jul. 2026.

POLLINI, Denise. *Breve história da moda*. São Paulo: Claridade, 2007.

ROZENBERG, Samuel. A escrita como alívio para o horror da guerra. *Museu da Pessoa*, 30 ago. 1988. Disponível em: https://museudapessoa.org/historia-de-vida/a-escrita-como-al-vio-para-o-horror-da-guerra/. Acesso em: 28 jul. 2026.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx*: roupa, memória, dor. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Texto submetido em: 31 jul. 2026

Aceito para publicação em: 28 ago. 2026

DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.157090